

ESPERANÇAR A EDUCAÇÃO, ESPERANÇAR O FUTURO...

wanderson flor do nascimento
(co-editor)

Em 2021, segundo ano da pandemia de COVID-19, ano em que muitas das relações políticas se deterioraram em torno do mundo e a educação, em função dos contextos sanitários e políticos, caminhou por extremos, tivemos também algo muito bonito e importante a celebrar.

Neste ano, o patrono da educação brasileira, Paulo Freire, fez cem anos. Ele não faria. Ele fez. Freire está conosco, com suas ideias e ensinamentos, sobretudo sobre a necessidade de transformar o mundo, tendo a educação como motor fundamental de mudanças.

Mudar a educação para mudar o mundo foi uma das lições generosas que o pensador, educador e ativista político Paulo Freire nos legou. E se hoje vivemos em profunda crise, é em meio dela que as apostas na transformação devem se dar.

Em meio a uma crise que, inclusive, traz nuances muito relevantes de desvalorização do conhecimento científico, do saber produzido nas escolas e universidades, precisamos lutar educacionalmente por um outro mundo, lutar por outro mundo no qual a educação forme para a luta contra os processos de opressão.

Seguindo nesse movimento duplo de celebrar o legado de Paulo Freire e de resistir criando e pensando a partir dos encontros entre a filosofia e a educação, que este número da RESAFE, em meio a muitas dificuldades técnicas que a pandemia acirrou, convida a seguir lançando outros olhares sobre

as muitas e intrigantes relações entre o filosófico e o educacional/formativo.

O artigo de Clarice Rosa Machado, Maria Alice Coelho Ribas e Diego Carlos Zanel-la discute o trabalho filosófico de desenvolvimento da consciência crítica tendo o ensino de filosofia mobilizado pelo lugar que a lógica ocupa nesta tarefa educativa, na educação básica, apostando que a lógica contribua significativamente para o desenvolvimento de habilidades e competências importantes para o trabalho filosófico e privilegiando o pensamento autônomo e criativo.

Por sua vez, o artigo “O Sócrates de Nietzsche e a busca por uma educação transformadora” de Cristiano da Rocha Tavares nos convida a explorar, a partir de provocações de Walter Kohan, a explorar relações de proximidades entre o pensamento de Nietzsche e Sócrates, tomando como eixos orientadores as ideias de autossuperação, instinto e vontade de potência como dispositivos de afirmação da vida, num cenário crítico a dimensões sombrias do espectro democrático que pode despotencializar o espírito crítico dos estudantes.

O trabalho de Devair Gonçalves Sanchez retoma o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, de 1932, a partir de uma abordagem histórica e filosófica, para compreender como as ideias trazidas no documento, sobretudo em torno do ensino superior, do ambiente escolar e da educação básica, podem ser interessantes, ainda hoje,

para pensarmos o cenário da crise na educação.

No artigo “Educação e filosofia dialogando práxis e libertação”, Edcleide da Rocha Silva e Junot Cornélio de Matos nos convidam a mergulhar no pensamento crítico latino-americano da libertação em sua dimensão crítica e transformadora, buscando pensar a práxis educativa por meio das reflexões sobre o Outro trazidas pela abordagem da libertação discutidas no horizonte do pensamento de Dussel e Paulo Freire, buscando assim articular as questões em torno de ideias como libertação, emancipação e esperança, na busca de uma filosofia da práxis para o contexto educativo.

Keberson Bresolin e Gilberto Starck nos convidam a analisar o ensino de direitos humanos desde a experiência de estágio obrigatório da licenciatura em Filosofia, discutindo as o ensino de filosofia na escola de ensino médio, a relação entre filosofia e os direitos humanos e a reflexão sobre a filosofia como espaço privilegiado para a discussão sobre os direitos na educação básica.

Já o artigo “(Re)estruturação curricular às luzes de Deleuze e Guattari”, de Leandro Aparecido de Souza e Alberto Albuquerque Gomes critica a matriz da imagem dogmática do pensamento, denunciada pelos autores franceses, na concepção curricular e na relação entre docentes e estudantes, na busca da compreensão de uma possibilidade de reorganização rizomática do currículo que modifique a relação entre docentes e discentes.

O tipo ideal de infância é problematizado no artigo de Luana dos Santos Nogueira Garcia e Maritza Maciel Castrillon Maldonado, através da análise do filme *Pixote*, e parte do registro de uma experiência investigati-

va coletiva a partir da exibição e discussão do filme no projeto Cinema, infâncias e diferenças: problematizando a educação, o cotidiano da escola e o currículo, no Mato Grosso.

Já Luís Augusto Ferreira Saraiva e wanderson flor do nascimento, conversam, a partir das proposições de obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica, em possibilidades que não estejam vinculadas apenas com conteúdos a serem mobilizados nestes ensinos, mas em aportes epistemológicos, éticos e políticos que as filosofias africanas possam trazer para essa tarefa curricular, colocando em diálogo o ensino história e o ensino de filosofias africanas.

O artigo “O ensino de filosofia para crianças e as perspectivas liberal e crítica da educação”, de Rosana Ferreira discute no cenário da educação básica sobre a falta que a prática filosófica traz e avalia as abordagens liberais e da teoria crítica em educação, buscando pensar em limites e potencializações para a prática filosófica com crianças, a partir desses referenciais teóricos e pedagógicos.

Na seção de Relatos, temos o artigo de Mateus Mota Loiola Coutinho e Carina Merkle Lingnau, que discute o conceito de discurso presente no debate sobre as metodologias ativas em educação, problematizando os contextos nos quais o conhecimento e as tecnologias se articulam com as metodologias e seus sentidos políticos na busca de mudanças nas práticas pedagógicas.

E, encerrando o número, trazemos a resenha que Angela Santi escreveu sobre o livro de Walter Kohan sobre Paulo Freire. Para ela, essa biografia ao pé de ouvido, nos

convida a ver filosoficamente este Freire que nos reencontrar esse educador pernambucano que defendeu a educação como uma ação política, calçada nos afetos, fazendo com que dialoguemos com Freire, com Kohan, mas, sobretudo, conosco na busca de uma construção de uma outra possibilidade educativa.

Embora este número da RESAFE não seja um dossiê sobre Paulo Freire, ele está presente em parte significativa dos autores e no espírito mesmo de reflexão que as autoras e autores trouxeram para o texto.

Deste modo, o número torna-se mais uma das muitas e merecidas homenagens que se renderam a Freire, que vem se mostrando não apenas mais um dos teóricos potentes do campo das relações entre educação e política.

Nesses tempos sombrios que nos cercam, nos quais desmontes de projetos de emancipação, de construção de um pensamento crítico que se mobilize pelo contato coletivo das pessoas com o mundo, Freire nos aparece como um bálsamo, ao nos lembrar de algo que deveria ser óbvio, mas que a vida neste mundo se dá na mediação com esse próprio mundo, dialogamos *entre nós* com um *mundo entre nós*.

É um autor que nos ensinou que a tarefa da libertação não está vinculada apenas com desmantelar o lugar do oprimido, mas também em libertar o opressor, numa tarefa de reeducar a todas e todos para que possamos reler, coletivamente, esse mundo entre nós.

Por isso, ele nos aparece como uma figura importantíssima no momento presente, em que já muito cansadas e cansados de tudo o que vem nos acontecendo nos últimos anos, perigamos em esmorecer.

Não obstante isso, Freire nos convida a mergulhar nesse mundo, nessa condição fundamental de inacabamento e precariedade que nos constitui, para apostar nesse mundo, para não desistir dele – e nem de nós.

E é aqui que a ideia freireana de *esperançar* nos parece fundamental: em tempos em que tudo nos convida a desistir, Freire nos convida a perseverar, a mergulhar na esperança. Não numa passividade de quem apenas espera, mas nas potências de quem busca caminhos para mudar o que precisa ser mudado, para que possamos (re)partilhar o mundo, entre nós, de modo inventivo e potencializador, apostando em outros projetos de futuro, menos opressivos, mais justos, mais plurais.

Viva Paulo Freire!

Boa leitura.